

Uma soma de equívocos

NÃO FOI feliz o Presidente José Sarney, em seu discurso pretensamente moralizante sobre a sina perversa das nações que se enriquecem. Nem coerente nem oportuno.

SUA afirmação — “A História mostra que os países, quando enriquecem, tornam-se avarentos” — carece de qualquer consistência, até pela transposição unívoca, para coletividades nacionais, da avareza, que é vício e defeito de indivíduos. Uma transposição que a lógica elementar denunciaria como um sofisma.

INDIVÍDUOS podem ser avarentos, coisa tão óbvia quanto a tradição que colocou a avareza entre os pecados capitais. Pecado capital entre vários outros, aliás, tais como a inveja e a preguiça. Mas as coletividades só podem ser avarentas por metáfora e analogia. Porque a avareza é, fundamentalmente, um fechamento aos demais; é repúdio à associação e uma das faces do egoísmo — estupidez demais para ser perflhada em comum, sem questionamentos e ressalvas.

VÍCIO moral, a avareza é também sandice econômica, denunciada mesmo na parábola evangélica a censurar o homem que enterrou dinheiro (os “talentos”), sem cogitar de o colocar em curso, para o fazer render, numa afirmação maior da for-

mação social da riqueza. Não haverá então contradição intrínseca em se falar de avarentos países ricos? Ou foi por acaso que John Adam Smith intitulou sua obra mestra de “Riqueza das Nações”?

A EVIDÊNCIA histórica que o Presidente Sarney encontrará é bem outra, a da competição, às vezes feroz, das nações pela riqueza. O que mostra ser esta um bem, vazio do veneno sem antídotos que o Presidente da República diagnosticou. A tendência natural do bem — qualquer bem — é a difundir-se; daí a competição e seu caráter saudável.

O QUE traem quantos acusam de avareza os vitoriosos na competição é, muitas vezes, o fechar de olhos à evidência e a renúncia à recuperação pelo fracasso, para dar vazão a uma lógica esdrúxula, a lógica do ressentimento. É dessa lógica do ressentimento que está imbuída a tese de Lênin, em longa espera de comprovação: o imperialismo, estágio supremo do capitalismo. Graças a ela, também, fez fortuna uma expressão ainda em curso, apesar de seu anacronismo: o Terceiro Mundo, glosa da expressão Terceiro Estado, da Revolução Francesa.

PROPOR atualmente uma união do Terceiro Mundo — com os países pobres tentando se desenvolver por conta pró-

pria, “à revelia dos ricos” —, firmada talvez num eixo Pequim — Brasília, é ademais incoerência em quem falara de parceria: a parceria começa pela negação dos exclusivismos, a parceria é reconhecimento, teórico e prático, da complementaridade econômica. E se a meta evidente é a valorização da riqueza, não pode haver parceria contra alguém, que é empecilho à maior difusão da riqueza.

DE HÁ muito o Mundo aprendeu que a guerra não é investimento algum; que ela é sempre uma quebra no ritmo de desenvolvimento. E, por isso, de há muito o Mundo abdicou da política de blocos, que arma a guerra. Ora, a ênfase exclusivista nas relações bilaterais reedita os blocos e suscita um novo gênero de guerra, igualmente nocivo ao desenvolvimento, a guerra econômica.

E DESSA guerra econômica se tem distanciado, cada vez mais, a China, não a admitindo sequer a título da oposição entre as duas economias e os dois regimes políticos, a economia de mercado e a economia de Estado; o regime liberal-democrático e o regime socialista. A China contemporânea tenta, ao contrário, fazer a síntese habilidosa, a prenunciar a superação das oposições. O que marca a inoportunidade do discurso do Presidente Sarney, para cobro de seus equívocos.